Era uma vez... na Pré-História

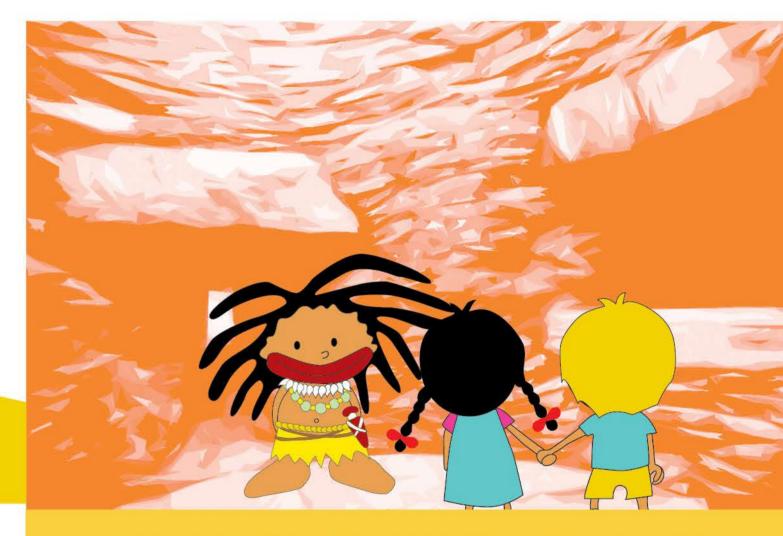
ALCALAR | MONUMENTOS MEGALÍTICOS



Durante muitos séculos os monumentos de Alcalar estiveram esquecidos e abandonados. Até foram assaltados para roubarem os objectos importantes.

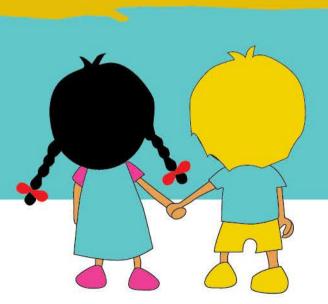
Mas os arqueólogos, exploradores das antigualhas da nossa terra, voltaram a encontrar e protegeram esses testemunhos do passado. As peças que ali ainda restavam foram guardadas nos museus. Os túmulos monumentais foram conservados e restaurados, e podem ser visitados por qualquer pessoa. E as ruínas da aldeia grande foram preservadas, para poderem revelar a história daqueles que nelas habitaram, naqueles já longínquos dias do 3º milénio antes da nossa era...





... e chegados àquele edifício estranho, os Meninos entraram num corredor estreito. E, passado o último limiar, penetraram numa sala escura, com uma parede redonda em toda a volta. E de repente, saindo de um buraco aberto no muro, como que numa cápsula sem tempo, ali estava, perante eles, o jovem guerreiro...

... e como que num sonho, o rapaz começou então a contar aos Meninos a história de um tempo muito, muito antigo.
Lembro-me ainda desta terra, que era de meus pais, e que depois foi minha. E depois dos meus filhos, e dos filhos dos filhos deles, e por aí adiante. Que agora chamais vossa, mas que vos é apenas emprestada e que há-de ser dos vossos filhos, e netos, e dos descendentes deles.





E que aconteceu depois? — perguntaram os Meninos. Depois?... Envelheci. Atravessei anos e anos. Tornei-me num ancião respeitado. Fiquei aqui tanto tempo que quase me esqueci dos meus feitos. Ide agora vós e olhai com sabedoria. Deixai-vos guiar pelos arqueólogos: podereis ver outras gentes, de quem nem adivinhareis os nomes, mas conhecereis as vidas...



A minha comunidade respeitava muito os antepassados. Acreditava numa outra vida depois da morte. Por isso, quando morriam, os indivíduos mais notáveis eram então colocados dentro dos templos monumentais. Eram escondidos, depositados dentro dos nichos da parede com os seus objectos preferidos. Isto era para os destacar dos outros mesmo depois de terem falecido, para acentuar a sua importância. E estes edifícios serviam não só para o enterramento dos mortos mas como local de homenagem e culto aos nossos antepassados.



Naquele tempo, a vegetação não era a mesma. Os matagais e os sombrios bosques, os pastos, as terras de cultivo e as espécies cultivadas, tudo era bem distinto doquilo que vedes hoje. A antiga ria formava enseadas interiores e as várzeas das ribeiras eram esteiros, por onde navegavam as barcaças e as rápidas piragas.

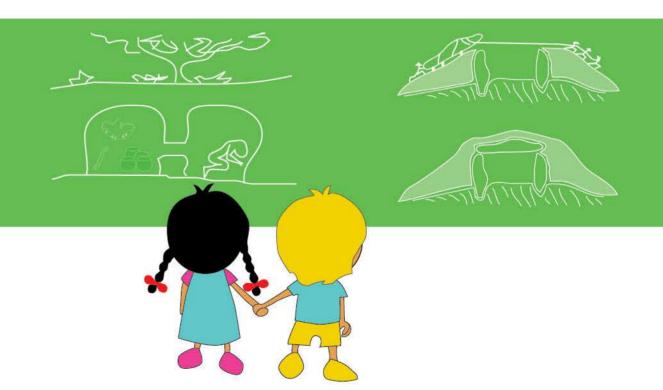
Naquelas épocas, as pessoas cultivavam os campos com cevada e algum trigo. Ceifavam com foices de madeira com o gume feito de pequenas peças de pedra talhada. Regavam as hortas para colher favas e ervilhas, e nos lameiros crescia o linho.



Os pastores criavam vacas e guardavam varas de porcos e rebanhos de cabras e ovelhas. Para além da carne, destes animais, aproveitava-se tudo: tecia-se a lã para os agasalhos, do osso faziam-se ferramentas, as peles curtiam-se para as roupas, usava-se o leite na alimentação. Belíssimas coalhadas comi eu em menino...

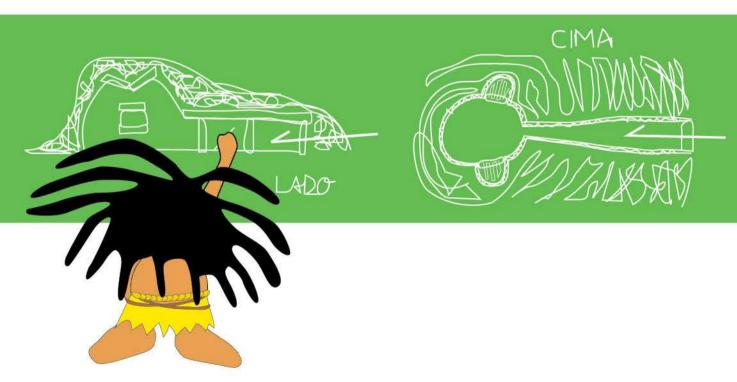


Para as demais pessoas, havia outras sepulturas. Eram mais discretas, com criptas escavadas na rocha, e serviam de cemitérios colectivos. Grandes túmulos para pouca gente, sepulcros mais modestos para muita gente!

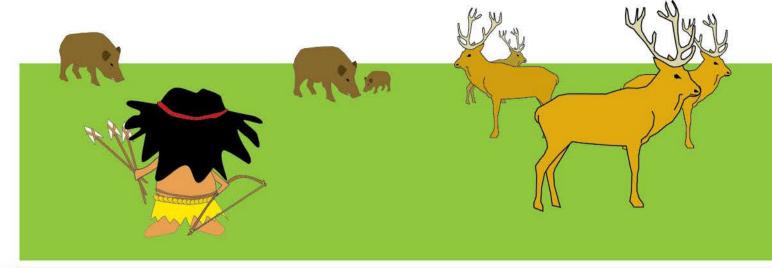


Junto à aldeia grande, durante várias gerações e com o esforço de muitos, foi-se construindo um conjunto de templos funerários. Fora desses edifícios, havia adros para os actos sagrados. Lá dentro, quase inacessíveis, estavam salas escuras, criptas onde, quando morriam, eram colocados os líderes da comunidade.

Sendo uma zona muito rica em pedra, fizeram-se vários tipos destas construções. Sim, porque no meu tempo existiam grandes mestres construtores, que, nos monumentos, combinavam o uso da alvenaria com enormes blocos de pedra(1)!



(1) De aí vem o adjectivo megalítico, qualificativo destes monumentos e que tem origem na língua grega: mega (= grande) + lítico (= de pedra).



Os matagais de carrascos, aroeiras e medronheiros, os soutos, carvalhais e pinhais, os bosques de sobro e azinho, forneciam boa madeira para construção e lenha para o uso diário. Nas matas, os caçadores aventuravam-se na perseguição de veados e javalis, que caçavam com arco e flechas, disputando as presas com ursos, lobos e linces. Muitas plantas usavam-se como mezinhas para o tratamento de feridas e de doenças. Colhíamos o mel das abelhas, os frutos silvestres e as ervas aromáticas.

Para além do trabalho da terra, as pessoas pescavam nos rios e junto à costa e, nos lodos da ria, apanhavam amêijoas e lingueirões, berbigões e taralhões, e lapas e mexilhão nas rochas junto ao mar.



Com actividades tão diversas, não havia porém moeda, nem um valor comum para fixar o preço das trocas dos produtos e objectos entre os parentes, os vizinhos e as amizades... Estas relações funcionavam segundo o princípio da reciprocidade: um dom acarretava outro dom, sem tirar grande benefício. Por comodidade, passou a ser costume levar os produtos para a aldeia grande, onde eram armazenados e podiam trocar-se por outros bens de valor equivalente. Desta maneira, todos tinham acesso ao consumo de produtos diferentes dos que eram produzidos por cada um.

Também havia objectos feitos com matérias-primas vindas de longe. Algumas rochas duras, do Alentejo, usaram-se para fazer machados e enxós. Alguns adornos eram feitos de pedras verdes da Andaluzia, de âmbar do Báltico, de marfim do Norte de África. Estas matérias-primas demonstram a existência de circuitos de intercâmbio a longa distância. Quanto mais raro era o objecto e de mais longe vinha, mais importante se tornava. Ao receber um colar de contas de pedras exóticas, ou uma arma de cobre, de uma longínqua proveniência, contraía-se de algum modo uma dívida que era saldada mais tarde.

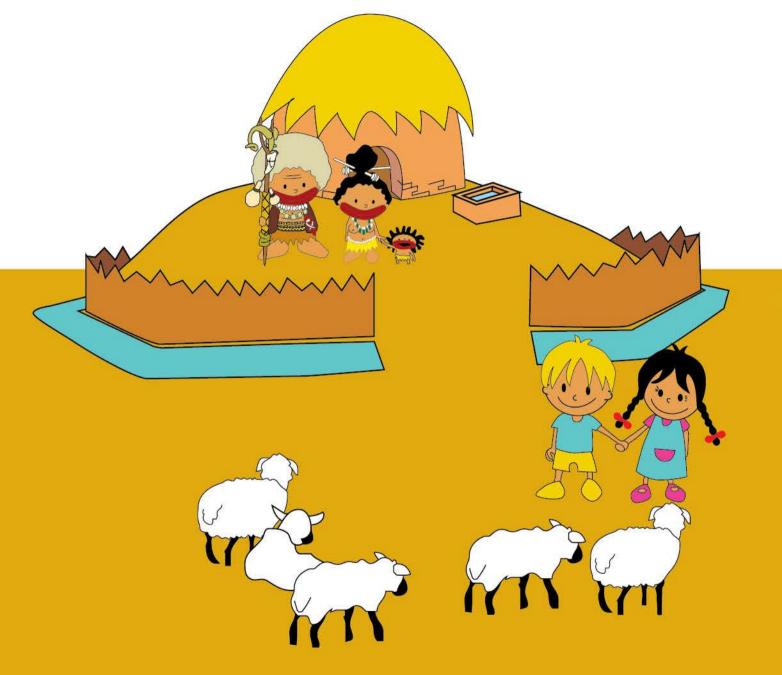


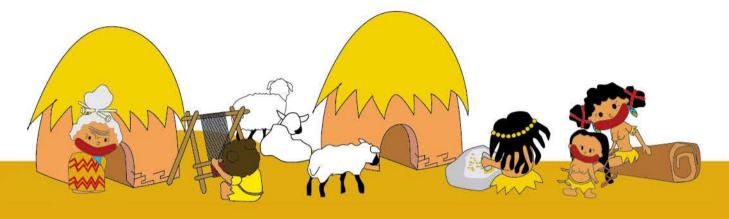
Naquela época, as pessoas sabiam como aproveitar os recursos inertes locais. Trabalhavam o sílex e outras pedras duras, de que faziam ferramentas para o trabalho dos campos, para o abate das árvores, para o marisqueio. Para os moinhos de rebolo usavam a pedra de Monchique. O cobre extraía-se em minas a céu aberto, em pequenas cortas. Das areias dos rios retirava-se ouro em pequenas quantidades. Muitos trabalhavam a pedra, a madeira e faziam olaria. Mas só alguns, muito poucos, sabiam trabalhar o cobre e o ouro, e tiravam partido desses saberes especializados.





Aqueles parentes mais notáveis, a quem se confiavam os bens, que organizavam a troca dos produtos e racionalizavam o trabalho, trataram então de se promover socialmente. Deram-se ares de importância, ostentando objectos sumptuários e armas. Manuseando as peças litúrgicas, inventavam interdições e diziam saber interpretar a vontade dos deuses. Separaram as suas áreas de vivenda, resguardaram os armazéns e os celeiros, cuidaram de monumentalizar a aldeia grande com fundas trincheiras e grossas muralhas. E fomentaram a construção de templos funerários.





A aldeia grande foi compartimentada em recintos. Na área central, na parte mais alta, agrupavam-se as vivendas dos mais notáveis. Cada uma organizava-se em volta de uma cabana, construção de planta circular ou alongada, ligeiramente escavada no subsolo, com paredes em argila levantadas sobre uma base de alvenaria de pedra. Nesse espaço coberto, destinado ao descanso, e à preparação e consumo dos alimentos, o chão, de barro, estava sempre coberto por restos de carvões e cinza das lareiras, resguardadas por um anel de argila, suficientemente saliente para conter o fogo. O que não evitava algum que outro incêndio! Junto de cada uma destas casas, dispunham-se canais e tanques, para captação e reserva de água. Cereais e outros alimentos eram arrecadados em grandes covas escavadas no chão. Essa zona de vivenda era envolvida por uma faixa com numerosas fossas de armazenagem. Essa vasta zona de celeiro aparece, por sua vez, protegida por cercas múltiplas, com trincheiras e taludes de terra, palicadas e muros de pedra, que ordenavam a área habitada.

«... é sina a cegueira dos homens vivos não darem a conta certa de quantos fizeram o feito, mil vivos e cem mil mortos, ou dois milhões de suspiros que se ergueram do chão [...], como é que estes vivos não dão por nada, cuidam que estão sozinhos, que andam no seu trabalho de gente viva, quem morreu enterra-se, é o que julgam, os mortos vêm muitas vezes, ora uns, ora outros, mas há dias, é certo que raros, em que saem todos, [...] e olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano, podemos ver [...] outros de quem não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas...»

[José Saramago, Levantado do Chão. Lisboa: Caminho, 3º ed.: 364-366]







